



Revista Portuguesa de Psicossomática

ISSN: 0874-4696

revista@sppsicossomatica.org

Sociedade Portuguesa de Psicossomática

Portugal

Recensão de Livros

Revista Portuguesa de Psicossomática, vol. 4, núm. 1, jan/jun, 2002, pp. 187-189

Sociedade Portuguesa de Psicossomática

Porto, Portugal

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28740115>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

 redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Recensão de Livros

A Depressão. António Coimbra de Matos. Climepsi Editores, Lisboa, 540 págs., Maio de 2001.

O percurso em volta da compreensão do fenómeno depressivo, diz-nos Coimbra de Matos, tem sido longo e sinuoso, por vezes com visões discordantes e ideias contraditórias, e frequentemente sobrecarregado com inúteis concepções antigas e ultrapassadas.

Neste excelente livro, prefaciado por António Fernandes da Fonseca, acerca da "Depressão", disponível entre nós e dum autor português, constituindo certamente um livro de leitura obrigatória nesta área, Coimbra de Matos sugere que a atitude, mais propriamente que a fixação/regressão a fases evolutivas determinadas, a atitude do sujeito que se deprime, é um factor importantíssimo na génesis e desenvolvimento da depressão. Ou seja, a progressiva organização mental estabelecida, com a sua forma de reagir específica, ultrapassa, em significado e valor patogénico, o impacte ou a impedância das necessidades primárias e perenes de afecto, bem como o efeito da força atradora do objecto sugador e mal-responsivo. Assim, é a circularidade, isto é, o retorno, cílico e repetitivo, da resposta de tipo depressivo – pelo abatimento, desistência e renúncia –

que conduz quase por si só à retirada do real actual e da expectativa de futuro, para focar a líbido excessivamente no reinvestimento do passado.

No depressivo o objecto idealizado perdido capta a maior parte da líbido do *self*, que assim fica derivada num circuito interno, é como se o investimento da realidade fosse curto-circuitado pelo investimento fundamentalmente inconsciente da proto-representação ou representação objectal, aprisionando-o e esvazianando-o. É a *nostalgia* do depressivo, esta "saudade" sem objecto – falta-lhe qualquer coisa mas ele não sabe o que é que lhe falta, a mor das vezes o amor de mãe precocemente perdido; ao contrário do que acontece na verdadeira *saudade*: investimento consciente do objecto real perdido.

Para Coimbra de Matos, a restauração da qualidade do *self* na patologia depressiva exige mudar o tipo de relação de objecto, a saber: a) Desidealização objectal e valorização narcísica, pela recuperação da idealidade perdida na idealização do objecto e inculpação do sujeito; b) Sair da economia depressiva e depressígena, em que a pessoa dá mais do que aquilo que recebe; c) Mais reparação narcísica e menos reparação objectal – para equilibrar investimento do *self* e investimento do objecto; d) Deflexão da agressividade inflectida; e) Incul-

pação do agressor (abandonante) e desculpabilização da vítima (abandonado); f) Diminuição do narcisismo dependente (do "olhar" do outro) e desenvolvimento do narcisismo autárquico ou auto-governado – uma melhor e mais estável auto-estima será o resultado; g) O auto-reconhecimento assumir-se como melhor critério que o reconhecimento por outrem; i.e., a identificação idiomórfica sobrepor-se à identificação alotriomórfica; h) O princípio da responsabilidade substituir-se ao princípio da moral, há responsáveis e não culpados;

dos; i) Substituição, progressiva, da culpa e da vergonha (afectos corrosivos da depressão) pelo respeito do outro e pela dignidade pessoal.

Saudemos Coimbra de Matos por todo o seu empenho num melhor conhecimento da psicodinâmica da depressão, resultado certamente da sua sólida formação teórica mas, fundamentalmente tradutor da extrema qualidade afectiva no trabalho de minúcia que o autor faz de escuta e compreensão, enquanto *objecto transformacional* na relação analítica.

Sexualidade e Psicossomática. Jaime Milheiro. Editora: Livraria Almedina, Coimbra, 259 págs., Outubro de 2001.

Neste livro são apresentados de forma criativa dois temas, a sexualidade e a psicossomática, cuja importância reside na possibilidade de reflexão da sua interdependência no sentido em que "toda a sexualidade é psicossomática e que toda a psicossomática... só faz sentido se se passar num corpo sexualizado".

O livro conta com o prefácio de Eurico Figueiredo e com apresentações dos temas por dois peritos: Júlio Machado Vaz apresenta-nos o tema da Sexualidade, e Rui Mota Cardoso o tema da Psicossomática.

Como o próprio autor refere, trata-se de reflexões pessoais baseadas na prática e experiência clínica que retratam uma penetrante perspectiva no

campo da Saúde Mental que se estende desde a sexualidade actual até ao saber psicossomático.

Numa época em se assiste a "uma verdadeira inundação sexual" na qual a Psicanálise deu o seu forte e indispensável contributo pela revelação da psicossexualidade e importância das relações precoces, actualmente pouco se considera acerca do estudo profundo da sexualidade e do seu impacto na estruturação da identidade do ser humano. Uma reflexão urge uma vez que os grandes conflitos internos podem estar, de alguma forma, relacionados com a sexualidade. Questões polémicas como a identidade sexual, a homossexualidade e a transexualidade são clarificadas numa perspicaz visão que salienta o facto da realidade interna ser construída pelo e no interior do próprio indivíduo quando em interacção com o exterior, apelan-

do para a importância da existência de um "sistema ideológico ou político-social que tente promover um desenvolvimento harmónico e se preocupe com a saúde mental dos indivíduos e das comunidades".

No segundo grande tema do livro, a Psicossomática, Jaime Milheiro aponta a necessidade de compreensão da dor enquanto apelo ou via de comunicação de morbilidade orgânica e/ou psicológica. Na procura de uma teoria unitária da dor, o autor salienta a inter-relação entre a dor física e a dor moral, *"parece-nos poder asseverar a transformação de uma dor na outra, em grau apreciável, e que todas as dores possíveis do ser humano partiram de um 'sofrimento' originário, ganhando forma e sentido no trajecto individual de cada um"*;

incidindo sobre a questão de todas as doenças serem psicossomáticas, tendo em conta que não é apenas um órgão que adoece mas sim todo o indivíduo. Desenvolve, de forma fascinante, o facto do corpo possuir um saber próprio específico que participa muito activamente nas questões que se referem à psicossomática – *"não se tratará de um saber mental nem racionalizável. Será um saber intrínseco, estruturante da identidade, sexualizado vitalmente, fundamental na Saúde e na Doença"*.

Qualquer tentativa de tradução da riqueza e sabedoria destas páginas será meramente utópica. A sua intensidade deixa o desejo de nos voltarmos a encantar com os escritos de Jaime Milheiro.

Rui Coelho